

INTRANSIGÊNCIAS COTIDIANAS SUJEITOS COM AUTISMO E EDUCAÇÃO

INTRANSIGENCE OF DAILY LIVING SUBJECTS OF AUTISM AND EDUCATION

Vanessa Marocco¹

Resumo: Este texto desenvolve uma reflexão teórico-metodológica desenhada a partir do estar-junto com sujeitos com autismo; portanto, pode ser entendido também como um relato experiencial. Produzido a partir de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, na qual pudemos estudar o conceito de experiência por diversos autores, trago uma espécie de síntese que problematiza como pensamos os sujeitos e como nos tornamos sujeitos à medida que sustentamos tal pensamento. Muitas foram as narrativas de colegas mestrands e doutorands do que poderia ser entendido como experiência; por isso, decidi centralizá-las em outro viés, naquele de sujeitos que não estavam naqueles momentos de estudo, mas que estavam presentes em meus pensamentos, deslocando os discursos que podia escutar. O foco das relações: sujeitos com autismo no contexto das escolas regulares, tomados a partir da convivência e das diversas pesquisas científicas realizadas por mim e por outros estudiosos. Esta foi a inspiração para pensar uma possível mistura, principalmente, entre autores como Giorgio Agamben e Maurice Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Experiência. Educação. Sujeitos com Autismo.

Abstract: This text refers to a theoretical-methodological drawn from the being-together with subjects with autism, can therefore also

¹ Mestra em Educação (UFRGS), linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. Atualmente professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Sala de Recursos Multifuncionais na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, 2ª CRE – Município de São Leopoldo – RS.

e-mail: marocco.v7@gmail.com

be understood as an experiential account. Made from a moment, a discipline of the Graduate Program in Education of the Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS, in which we could study the concept of experience by many authors, it was thought to bring a kind of synthesis that says respect to how the subjects think about us and how we became subject to the extent we hold that thought. So many were the stories of fellow masters and doctoral students than could be understood as an experience that we decided to center them in another perspective, in subjects who were not in those moments of study, but it certainly flew over my thoughts moving discourses that could listen. In the experiment, as the focus of relations: subjects with autism in the context of regular schools, taken from the living and the various scientific researches conducted by myself and by others. This was the inspiration to think about a possible mixture, mainly, from authors such as Giorgio Agamben and Maurice Merleau-Ponty.

Keywords: Experience. Education. Subjects with Autism.

Este texto é uma produção qualificada a partir de encontros organizados em um seminário/disciplina nomeado “Variações Sobre o tema da Experiência”, ministrado pela Profa. Rosa Maria Bueno Fischer, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU. Esses encontros oportunizaram a partilha do pensar sobre a experiência, um conceito historicamente usado de formas distintas com base no desenvolvimento de muitas perspectivas teóricas, as quais foram disseminadas por diferentes autores.

Nessa direção inicia-se este ensaio, a partir de duas passagens escritas por autores distintos e estudadas no seminário referido anteriormente. Essas passagens, que parecem “iluminar” questões pertinentes à Educação, ficam mais nítidas quando se pensa na Educação voltada para *sujeitos com autismo*, que atualmente se encontram também em escolas regulares, principalmente a partir da Política Nacional

de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). As relações com tais sujeitos demandam um movimento delicado e dedicado por parte das pessoas que se dispõem em estar-junto com esses sujeitos; em outras palavras, poder-se-ia se dizer que é necessário um olhar para o todo do cotidiano (MAROCCO, 2012).

Palavras: pensamentos-experiências

Incito um diálogo entre as passagens referidas a seguir e as possibilidades de Educação de sujeitos com autismo, sinalizando o foco de algo “experencial-inexperencial”.

Como ponto de partida e conexão faço menção às seguintes passagens:

Nossos sentidos operam por transitividade, enlaçando-se como as coisas: o olhar apalpa, as mãos vêem, os olhos se movem com o tato, o tato sustenta pelos olhos nossa mobilidade e nossa mobilidade, compensando a imobilidade e a mobilidade das coisas (CHAUÍ, 2002, p. 179).

Ao contrário, o que caracteriza o tempo presente é que toda autoridade tem o seu fundamento no “inexperenciável”, e ninguém admitiria aceitar como válida uma autoridade cujo único título de legitimação fosse uma experiência (AGAMBEN, 2005, p. 23).

Nessas passagens, a evidência de um modo de compreensão que leva em consideração a complexidade da existência. De forma prudente, Marilena Chauí (2002) escreve, ou melhor, se inscreve no pensamento de Merleau-Ponty que, por sua vez, combinou percepção e existência para configurar uma fenomenologia que requer como princípio “apenas” o vivido em suas obras. Experiência, para Merleau-Ponty (1999), não é, ela se faz. A Fenomenologia, hermenêutica ou

existencialista, mostra uma perspectiva de interpretação que escapa de “fechamentos” e possibilidades arreadas de interpretação. É necessário permitir-se deslocar: de espaço, de forma, de linguagens e de tempo.

As coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter a sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde precisa passear (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23).

Assim, os sentidos se tornam o movente do ser que vive e fundamenta, ao mesmo tempo, a própria percepção. Eles, os sentidos, se “enlaçam” e dimensionam as possibilidades de um corpo fenomenal, um corpo-próprio em sua espacialidade – conexões no espaço em movimento (MERLEAU-PONTY, 1999). Ao tocar uma mesa com a mão, por exemplo, o corpo todo toca, a mão é apenas uma zona de mais proximidade que possibilita a frequência sensível entre o tocante e o tocado.

Em sintonia e ao mesmo tempo distância, Agamben (2005), ex-aluno de Heidegger, proporcionou uma abertura relacionada à Infância e à História, com uma nova ideia de experiência. Agamben demonstra as marcas de Heidegger em sua forma, considera o ser em sua temporalidade e também se aproxima da ideia do visível e invisível de Merleau-Ponty (2007) quando concatena a perspectiva do inexperienciável e da experiência, ou do experienciável, afirmando que eles são complementares e de alguma forma legitimam o estar-junto com o outro no cotidiano. Ir ao encontro da infância (in-fancia) para buscar a linguagem e tornar esse movimento o cerne da experiência do

homem, desconstituindo uma ideia de infância como etapa psíquica, parece construir muitas possibilidades de suspensão. Um exercício na mesma intensidade hermenêutico e existencial.

Na relação possível entre os sentidos, reunidos num corpo fenomenal (MERLEAU-PONTY, 1999), e a experiência que só é válida quando se projeta num inexperienciável e vice-versa (AGAMBEN, 2005). Ambas as ideias se complementam, criando certa autoridade de fazer experiência, de considerá-la como a própria vida, como a possibilidade do vivido. Assim, é possível desenvolver um modo que traz algo para a forma de um corpo, proporcionando, principalmente, o deslocamento de imagens pré-definidas. Nas palavras de Nóbrega (2005, p. 612):

Precisamos desenhar novos mapas para compreender a geografia do corpo, com sua espacialidade diferenciada, possível porque se move e, ao fazê-lo, ao mover-se, coloca em cena diferentes possibilidades de abordagem, diferentes lugares, com diferentes perspectivas espaciais e temporais: do biológico ao pós-biológico, da reversibilidade da cultura como carne do mundo à carne como aspecto simbólico e transcendente do humano; dos sentidos que a historicidade cria em narrativas temporais distintas; dos encontros e desencontros que constituem a nossa existência.

Nessa direção, um corpo como potência é núcleo discursivo, um corpo fenomenal, entendendo a imagem de um “[...] corpo genial [...] dos cinco sentidos reunidos pelo sentido do movimento” (SERRES, 2004, p. 17).

O visível à nossa volta parece repousar em si mesmo. É como se a visão se formasse em seu âmago ou como se houvesse entre ele e nós uma familiaridade tão estreita como a do mar e da praia. No entanto,

não é possível que nos fundemos nele nem que ele penetre em nós, pois, então, a visão sumiria no momento de formar-se, com o desaparecimento ou do vidente ou do visível (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 128).

Pensar nas múltiplas possibilidades de educação de sujeitos com autismo, ou seja, pensar sobre a potência corporal dos sujeitos com autismo nos processos do conhecer é um caminho que demonstra possibilidades no mínimo diferenciadas. Como se interpretam as possibilidades expressivas desses sujeitos no espaço escolar? Como outros olhares podem se construir a partir de uma perspectiva complexa de pensar a experiência como a própria vida?

Os movimentos corporais contínuos, a atenção em imagens e formas, as associações precisas, as afetividades e as lógicas instáveis (à nossa percepção) são relações comuns no que se refere às possibilidades de educação de sujeitos com autismo. Portanto, relacionar-se com esses sujeitos sugere um deslocamento de qualquer ideia de experiência, pois, do contrário, corre-se o risco de uma privação da possibilidade de surgirem novas perspectivas, ações, elementos e formas de se viver.

A passagem destacada e escrita por Agamben (2005) enfatiza ainda o movimento de nos reconhecemos no outro. De reconhecemos as ações dos sujeitos com autismo como sendo potentes em quem as percebe. Deve haver a compreensão de que as ações não se mostram fixas no sentido enraizado e que, se estiverem em algum lugar, possivelmente se encontram *entre* aquele que percebe e o percebido. Considerar os processos de experiência como a própria vida sugere colocar o cotidiano como eixo de sustentação daquilo que parece ser "inexperienciável". Entretanto, apenas parece ser inexperienciável, pois, entende-se que o inexperienciável anunciado é o experienciável como ação que ainda não se consumiu no tempo. Tal ideia configura a experiência que emerge

do cotidiano. Essa ideia é algo alcançável e, por isso, está distante o suficiente para que a percepção a encontre presente no cotidiano de cada um.

Aproximar-se dos sujeitos em relações, interpretá-los à medida que se afeta em cada expressão são possibilidades de educação de sujeitos com autismo. Este pensamento parece expressar um sentido semelhante ao de Baptista e Oliveira (2002, p. 95), quando estes afirmam que o ato pedagógico “[...] deveria deixar de ser uma decorrência do processo diagnóstico, passando a integrar um movimento de investigação que explora a pergunta: quem é esse sujeito?”. Produzir-se, legitimar-se como singular no mundo demanda grandes esforços, reconhecidos na carne, no corpo, no esforço do outro no mundo, no esforço do mundo para com o outro e para com ele mesmo. São arraigadas as possibilidades de pensar as experiências com um bocado a mais de tolerância e entrega no tempo presente. As experiências estão num segmento que sinaliza o movimento em diversas dimensões e densidades, sustentadas por uma complexidade que escapa e se torna visível; portanto, configuram os tempos vividos. Isso permite que, por exemplo, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) seja interpretada de muitas maneiras, com muitos olhares, mas que de forma geral se tenha o reconhecimento das metamorfoses que a Educação pode realizar ao longo do tempo.

Nesse sentido há, ainda, um grande abismo entre a Educação e as demais áreas que poderiam atuar como grupo para a efetiva presença de sujeitos com autismo nos espaços escolares. Muitas vezes, esse abismo caracteriza pensar que o corpo é domável, domesticado. Por outro lado, muitos discursos adentram e incumbem desproporcionalmente as práticas educacionais de responsabilidades que não são apenas da Educação. Muitas indagações geram ‘nós’ na garganta quando as problematizamos: como se poderia pensar em não segurar um sujeito

que quer ‘bater nos outros’? Como não querer que alguém pare num lugar em que todos ‘devem’ sentar-se (a sala de aula)? Como falar com alguém que ‘aparenta’ não nos escutar? Como eu, educadora, me reconheço no processo da vida nessa experiência? O que sou e o que posso ser? Como os seres humanos conhecem o mundo?

Estas são perguntas que vagam o universo profissional de muitos educadores que parecem angustiar-se com as situações de muitas vezes não encontrar as conexões suficientes entre as ações dos sujeitos e as ações próprias. Voltar-se para si mesmo e para os processos de conhecer como um elemento central desencadeará o desenvolvimento do conhecimento nos movimentos curriculares, organizadores de tantas atividades de ensino-aprendizagem. Pensar nos processos do conhecer é uma ação de extrema importância, que movimenta de uma só vez o quê, como e para quê se ensina. Não há outra saída nesse caminho a não ser considerar as características de cada indivíduo. Devemos ter cuidado para que essas características não sejam distorcidas por valores morais que as reconfigurem com outros interesses.

Retomam-se novamente as ideias que desencadearam este pensar. Os *sentidos reunidos* (MERLEAU-PONTY, 1999; CHAUI, 2002) e o *inexperienciável-experienciável* (AGAMBEN, 2005) são uma possibilidade que, de forma geral, vem se constituindo como uma base epistemológica para pensar a educação de sujeitos que demonstram uma forma de conhecer diferenciada. Muitas vezes formas que desafiam a compreensão e interpretação dos profissionais que estão nas escolas regulares trabalhando com tais sujeitos. Geralmente tomamos a arte na aproximação de ambas as ideias desenvolvidas pelos respectivos autores, tanto que eles, ao longo de suas obras, exploraram essa perspectiva. Contudo, a Educação como área, no momento atual, parece desfrutar da possibilidade de vivenciar os processos que mostram os sentidos reunidos e o “inexperienciável-experienciável” através da presença dos

sujeitos com autismo, ou seja, outro viés que não a arte e, mesmo assim, que configuram tais relações. Atentar para essa possibilidade pode fortalecer movimentos atuais envolvendo práticas pedagógicas tomadas a partir de outras formas do pedagógico, para além do enfoque das práticas. Minhas vivências com sujeitos com autismo² aperfeiçoaram uma percepção que a Educação e todos, como seres humanos, necessitamos de novas imagens, paisagens, construídas de forma congruente com ‘novos’ olhos, uma vez que “[...] o singular não pode ser compreendido por meio de ideias gerais” (SERRES, 2004, p. 81).

Nesse sentido, a percepção em relação aos sujeitos com autismo sinaliza os encontros e desencontros de nossas “verdades”, por isso, vivenciar momentos com esses sujeitos mostra a condição movediça de estar nesse espaço chamado “escola”. Vasques (2008) e Tezzari e Baptista (2002) sinalizam as ações importantes que acontecem quando as pesquisas científicas avançam nos estudos sobre sujeitos com autismo. Por outro lado, avançam também quando os professores vivenciam momentos de escolarização em espaços regulares de ensino com esses sujeitos. Essas ações se mostrarão ao longo do tempo como oportunidades numa lógica singular de mudança do que se entende por escola.

Do ponto de vista pedagógico parece abrir-se a possibilidade de pensar em outra forma de Educação. Um processo não necessariamente de sujeitos que estavam fora da escola, mas outro olhar, de um processo que ensina a perspectiva de sujeitos com diferentes formas de conhecer em um mesmo lugar. Portanto, estamos falando de algo diferente da noção de experiência vinculada a algo apenas individual ou coletivo, com narrativa ou sem ela, transmissível ou intransmissível. Dessa forma, penso ser possível outras formas de percepção da própria vida.

² Tenho me dedicado a estudos aprofundados em relação a sujeitos com autismo da época do magistério aos dias atuais, compreendendo graduação, especialização e por último o mestrado finalizado no início de 2012.

Há uma perspectiva para o *incerto* na direção do movimento de busca, com o enfoque no movimento e não na busca em si. Assim, entende-se quando Agamben (2005) constituiu o que ele chamou de “destruição da experiência”. Somente na ação de perceber a dissolução da experiência em meio às relações no cotidiano é que se configuraria a potência de pensar que, talvez, ela, a experiência, seja na verdade algo “inalcançável”. Por isso, a intenção deste ensaio é também intensificar a problemática do caráter de uma razão sensível que pode ser base de muitas formas de pensar o mundo.

Os movimentos incompletos ficam como evidências na relação de sujeitos com autismo e, assim, fica a possibilidade de reconhecimento das metamorfoses em que cada pessoa se encontra imersa para que possamos escapar de generalizações vazias.

Referências

AGAMBEN, G. Infância e História. Ensaio sobre a destruição da experiência. In: AGAMBEN, G. **Infância e História**. Destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 19-78.

BAPTISTA, C. R.; OLIVEIRA, A. C.. Lobos e Médicos: Primórdios na Educação dos “Diferentes”. In: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C.(Orgs.). **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, SEESP, janeiro de 2008.

CHAUÍ, M.. Obra de Arte e Filosofia. In: CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento**. Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 151 – 195.

MAROCCO, V. **Sujeitos com autismo em relações: educação e modos de interação**. 159 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação)

- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Fontes, 1999.

_____. **Conversas 1948**. Tradução de Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O visível e o invisível**. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na Educação? Notas sobre Conhecimento, Processos Cognitivos e Currículo. **Revista Educação e Sociedade**. Vol. 26, n. 91. maio./ago. Campinas, 2005, p. 599-615.

SERRES, M. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

TEZZARI, M.; BAPTISTA, C.: Vamos brincar de Giovanni? A integração escolar e o desafio da psicose. In: BAPTISTA, C. e BOSA, C.(cols.): **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. ArtMed: Porto Alegre, 2002.

VASQUES, C. K. **Alice na biblioteca mágica: uma leitura sobre o diagnóstico e a escolarização de crianças com autismo e psicose infantil**. 2008. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade e Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.